

Estórias da corte altamente rotativa

ANDRÉ GUSTAVO STUMPF

Os vinte anos de Brasília demonstram que muita coisa mudou no país ao longo deste período. A utopia que faria conviver no mesmo espaço e no mesmo tempo o ministro e seu motorista de táxi foi se revelando inviável no correr destes vinte anos, espaço de tempo em que o Plano Piloto veio a se transformar no exemplo completo e acabado de uma corte, com todos os seus adereços, miçangas e maneirismos. A corte que rodeia o poder central tem necessariamente que ter os seus tipos, suas idiossincrasias e sua nacionalidade muito especial. O poder é assim em Brasília.

As frivolidades da corte não deixam que seus integrantes percebam o que se comemora neste 1980. Aliás, algumas pessoas podem se estar perguntando porque se comemora o aniversário de inauguração da capital. Afinal de contas a rotatividade política, a dança dos ministros que se sucedem ao longo da Esplanada, determina também uma rápida e angustiosa modificação nos quadros dos componentes desta sociedade muito especial. É curioso que o vigésimo aniversário de Brasília não seja a festa de uns poucos, precisamente aqueles que medem o tempo desde a sua posse no cargo público, na possibilidade de andar no Opala preto com motorista até o dia da exoneração.

Mas a corte é assim mesmo. Precisa consumir suas frivolidades. Ah, o poder. Sei da história de um ministro, nordestino, que desfilava em seu enorme carro, cercado por ajudante de ordens, motorista e agentes de segurança regozijando-se com a presença deles. "Veja o que é o poder", comentava para um jornalista. "Veja o que é o poder" e apontava para o reduzido contingente de pessoas convocadas para defender a sua integridade ministerial. Há quem diga mais, fale mais sobre o fascínio do poder e de seus salões. Os vinte anos de Brasília não serão aí comemorados, mas os salões só existem porque nestes vinte anos a cidade cresceu e se estruturou. Passou até mesmo a ser centro de boatos, antigo privilégio carioca que os paulistas, vez por outra ameaçam conquistar.

A capital tem a sua vida regida por um conjugação de astros muito peculiares, que nada tem a ver com a duvidosa astrologia. Os astros deste reinado são, os ministros, são os prepostos do poder central. Seus tombos costumam ser tão barulhentos quanto as barulhentas festas de posse. Lembro de um ministro que chegou ao posto cercado por uma multidão de amigos e o deixou quieto, chorando, sem sequer uma secretária para consolá-lo. Encontrei-o, um dia, cabeça baixa sobre a mesa, sem agentes de segurança, nem secretárias - todos haviam desertado sob diferentes pretextos porque - era o fim de um governo - aquela pessoa que ali estava não figurava em qualquer relação dos intérpretes do novo grupo que estava indo para o poder.

Neste ponto, aliás a capital amadureceu. Já não são muitos as cenas de choro e nervosismo, nem as cartas apocalípticas, prenunciando tempestades devastadoras. Hoje, a exemplo de Rischbieter, são divulgados relatórios técnicos, vazados em termos de difícil compreensão para o leigo, que se cons-

tituem em ensaios futurológicos com fundamento nos números de hoje. Toda Brasília sabe que a situação econômica é extremamente complexa e o ex-ministro reafirmou aquilo que se comentava nos melhores restaurantes da cidade. Mas foi elegante, presidindo uma reunião do Conselho Monetário Nacional, mesmo depois de exonerado. A queda do paranaense Rischbieter, e a conseqüente ascensão do Delfim Netto, provocou uma corrente migratória invertida. De sul para norte. São os paulistas que chegam à capital aos magotes procurando se informar a respeito dos boatos, das conspirações e tentando obter alguma luz no fundo do tunel político. Todos querem saber quem vai suceder o presidente Figueiredo. Também nós queremos.

A questão é que a promoção de Delfim Netto, acrescentou um dado novo na pretensão paulista. Afinal de contas, sem contar com o desastre Jânio Quadros, desde 1932, o estado de São Paulo, luta pela presidência da República. Agora há uma chance efetiva. É a intriga que faz a corte se rejubilar. Festas, reuniões, uísques e a beira da piscina variada movimentam este tipo muito especial que vem a Brasília, e com os nativos, provisórios ou permanentes, especulam até as raíças do delírio. Ministros ficam bem e mal no correr destas conversas, outros são derrubados e se recuperam somente depois do quinto uísque. Enfim, o delírio é total, mesmo porque a assessoria presidencial - seus quatro membros mais poderosos e importantes (Golbery do Couto e Silva, Octávio Aguiar de Medeiros, Danilo Venturini e o secretário particular Heitor Ferreira), raramente participam de reuniões sociais.

É evidente que o Presidente da República, e seus assessores se protegem. Talvez seja até melhor assim, porque o mistério passa a ser a matéria-prima das conversas na corte. A sucessão presidencial é um caso típico. Faltam quatro anos para que seja destapado o nome da pessoa que irá para o lugar do atual Presidente. As candidaturas ao longo destas conversas são muitas. Delfim Netto, é claro, está em todas as listas. Mas há os nomes de Octávio Medeiros, Aureliano Chaves, Antônio Carlos Magalhães e uma lamentação generalizada pela morte prematura de Petrônio Portella - uma verdadeira barbada na disputa presidencial segundo diversos testemunhos que ouvi.

Aqui não transmito informações de "fontes qualificadas" - as mesmas pessoas que falam com os mesmos jornais eternamente em "off the records". Não. Aqui falo do que se fala nos salões da corte. O Ministro do Trabalho, Murillo Macedo, que vive às voltas com os grevistas de São Paulo, e desavenças com o governador daquele Estado, tem que enfrentar quase todas as semanas os rumores de sua queda. Devia contratar um assessor de desmentidos, no melhor estilo Secom. Simonsen não saiu, decretou um assessor quando o caninhão de mudanças já está parado na porta do ex-ministro do Planejamento.

Os boatos, neste particular, foram implacáveis. Derrubaram o assessor e quase recolocaram Simons no lugar. Cesar Cals, cai todas as semanas desde que assumiu o posto. O dia que cair mesmo ninguém terá o direito de se espantar.

Em Brasília, não há Vila Militar (No Rio se dizia que a Vila desceu, o que soava misterioso e grave), aqui há o Forte Apache, estranha designação para o conjunto de quartéis situado no setor militar. As intrigas não falam muito do Forte Apache, situam um ou outro general, porque em Brasília há uma grande quantidade deles. Aqui não desce a vida, porque grave e misterioso é o que determinado General está pensando.

Na verdade, os generais na maior parte de seu tempo estão trabalhando, pouco preocupados com a discussão política. Há quem, como Andrada Serpa, que se arrisque nos mistérios da política. E por conta destas investidas militares existem pessoas que praticamente trabalham para ouvir o que militares pensam disto e daquilo. É uma faceta curiosa da cidade, sobretudo de Brasília neste tempo de abertura política. Os grandes lobbies que antes se concentravam nos corredores do Palácio do Planalto agora estão dispersos, espalhados pela cidade. Eles são exercidos, normalmente, por pessoas de talento, simpatia e gentileza. São estas pessoas que precisam informar seus poderosos patrões do que se passa nos bastidores do poder. E nos momentos de dificuldades conseguir aqui ou ali, na Esplanada dos Ministérios um empurrão em qualquer processo mais delicado.

De resto, festas, presentes, uísques, convites para ir a outras cidades no país e por vezes ao exterior. Mordomias de bom tamanho, iguais ou superiores àqueles desfrutadas pelos funcionários mais categorizados do país. As reuniões sociais ou lobbies se constituem hoje em foro muito especial de troca de informações, que fazem as delícias dos estrangeiros e revelam o sumo do noticiário mais importante do momento. Enfim, lobistas, curiosos, ministros, altos funcionários terminam convivendo com a mesma perplexidade. As informações nunca são suficientes a ponto de contentar todas as angústias plantadas ao longo da conversa.

É curioso que neste 20º aniversário de Brasília a história da cidade, ou da capital, já seja uma história de lobbies, festas, uísques, presentes e mordomias. Não se fala mais na consolidação de Brasília, expressão famosa que significava, na verdade, a hipótese de a capital retornar ao Rio de Janeiro. Hoje continua havendo quem goste e quem não goste de morar aqui, mas o fato é que a cidade, com mais de um milhão de habitantes, já não se angustia por isto.

Ao contrário, com cerca de um milhão e trezentos mil habitantes, Brasília perdeu o seu charme de cidade planejada e sem esquinas. As esquinas se multiplicam, os sinais orientam os cruzamentos que se diziam inexistentes, os bares quebram a reclamada monotonia e uma imensa população universitária concede a cidade uma convivência amena. O estabelecimento do poder em Brasília aconteceu ao longo dos últimos vinte anos, mas também aconteceu que neste período surgiu uma comunidade em tudo semelhante às outras situadas neste País. Não faz sentido, e soa anacrônico, atacar uma cidade sem esquinas, distante e fria. Há esquinas, movimentação e vida própria com problemas absolutamente semelhantes aos de qualquer cidade brasileira.